

## DISTRIBUIÇÃO DE RENDA

# Pobreza no país caiu 67% desde o Plano Real

Índice de Gini, que mede desigualdade social, chegou ao menor patamar da série histórica. Desde a década de 60 o valor não era tão baixo

O estudo mostra também a diferença entre os governos de Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva. No período de 1994 a 2002, a queda da pobreza foi de 32% e a partir de 2002 chegou a 50%. Com esses valores, o Brasil conseguiu cumprir o primeiro Objetivo do Milênio das Nações Unidas, que era reduzir a pobreza pela metade em 25 anos. O país precisou de apenas 8 anos para fazer isso.

O coeficiente de Gini, indicador mundial que mede a desigualdade dentro dos países, chegou ao menor patamar da série histórica no Brasil. Desde a década de 60 o valor não era tão baixo. O índice brasileiro está em 0,5304. Quanto mais próximo do número um, maior a desigualdade. "Acredito que ainda vai demorar mais uns 30 anos para que possamos chegar aos níveis dos EUA [que é de 0,42]", estimou Marcelo Neri, autor da pesquisa da FGV.

Para o pesquisador, o aumento da escolaridade e o crescimento dos programas sociais do governo foram os principais responsáveis pela queda da diferença de renda entre os mais ricos e os mais pobres entre 2001 e 2009. "Isso mostra que a China não é aqui", afirmou. E completou: "O grande personagem dessa revolução é o aumento da escolaridade. Mas, ainda temos a mesma escolaridade do Zimbábue", mostrando que há um longo caminho a ser percorrido.

A redução da desigualdade se manteve estável durante a última década, o que pode garantir o mesmo ritmo nos próximos anos. Além disso, diferenças históricas do país estão sendo quebradas. Entre as regiões, por exemplo, o Nordeste observou um crescimento de 42% na renda enquanto no Sudeste a alta ficou em apenas 16%. No Maranhão, o estado mais pobre apontado na pesquisa, cresceu 46%, enquanto em São Paulo, o estado mais rico, 7%.

As desigualdades entre homens e mulheres também caíram nos últimos dez anos, apesar de trabalhadores do sexo masculino ganharem R\$ 807, face aos R\$ 468 recebido por elas. Entre as raças, pessoas de cor negra tiveram incremento de 43%, pardos de 49% e brancos de 20%. A renda dos analfabetos cresceu 47% entre 2000 e 2009, enquanto a renda das pesso-

as com ensino superior incompleto caiu 17%.

Segundo Neri, não é uma década excepcional em termos de aumento de renda, mas, em termos de redistribuição de renda, os números surpreendem. "A desigualdade segue em queda, inclusive com mais força."

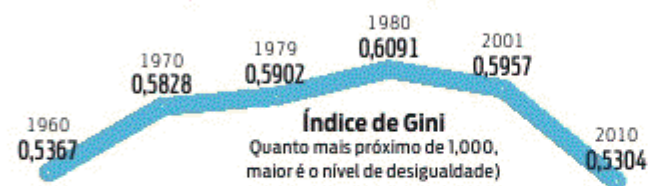
Para chegar a esses índices, foram utilizados dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) e da Pesquisa Mensal de Emprego, ambas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e também o Índice de Gini, que mede a desigualdade de renda entre os indivíduos.

Paola Carriel, com agências

Desde a criação do Plano Real, em 1994, a pobreza no Brasil caiu 67% e a desigualdade de renda diminuiu entre as regiões do país e entre critérios como cor, gênero e anos de estudos. Enquanto os 20% mais ricos da população tiveram um aumento na renda de 8,8%, entre os mais pobres o valor foi de quase 50%. Os dados foram divulgados ontem pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e revelam que a estabilidade econômica e as políticas sociais foram definitivas para a redução do abismo social no país.

## DESIGUALDADE EM QUEDA

Estudo da FGV mostra que caiu a diferença entre ricos e pobres e nível de pobreza.



### Pobres na população

1993

**35%**

2009

**15,3%**

### Queda da pobreza

Entre 1994 e 2002

**-32%**

Entre 2002 e 2010

**-50,5%**

### Crescimento da renda entre 2001 e 2009

Entre os 20% mais ricos

**8,8%**

Entre os 20% mais pobres

**49,5%**

### Renda média por pessoa, em R\$

		2001	2009	Varição (em %)
Gênero	Homem	692	807	17
	Mulher	340	468	38
Cor	Branca	683	820	20
	Preta	359	514	43
	Parda	294	437	49
Região	Nordeste	279	395	42
	Centro-Oeste	562	752	34
	Sul	599	777	30
	Norte	374	472	26
	Sudeste	645	747	16
Escolaridade	Seminstrução	117	171	47
	Ensino superior*	2.743	2.262	-18

\* tem 12 anos ou mais de instrução, tendo concluído ou não o ensino superior.

Fonte: Fundação Getúlio Vargas.

Infografia: Gazeta do Povo



**“A má notícia é que a desigualdade no Brasil ainda é uma das mais altas do mundo e que o desafio ainda é enorme no alcance da meta do milênio de erradicação da miséria.”**

Marcelo Neri, pesquisador da Fundação Getúlio Vargas.

## Redução ainda não garante condições de vida dignas

■ Sociólogo e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mauro Iasi argumenta que os percentuais de queda da pobreza são positivos, mas podem dar a falsa ideia de que o problema foi solucionado no país. Isso porque o aumento de renda entre os mais pobres ainda não garantiu condições dignas de vida para o cidadão. “É perverso considerar que quem vive com um quinto do salário mínimo legal é alguém que saiu da pobreza”, lembra.

Entre as pessoas sem escolaridade, por exemplo, a renda passou de R\$ 117 em 2001 para R\$ 171 em 2009. Apesar do aumento de 47%, o valor não representa melhoria na qualidade de vida. Iasi afirma que no final dos anos 90 o poder aquisitivo dos mais pobres era de 2% do Produto Interno Bruto (PIB) e hoje está em 4%, mas isso não representa o fim da miséria. “Com esses dados, na estatística o papel do governo foi cumprido, mas o efetivo combate à pobreza não ocorre”, alerta.

### Avanço

Para o professor de Economia da Universidade Federal do Paraná (UFPR) Demian Castro, a redução da pobreza no Brasil é expressiva e somente a China apresentou uma mudança tão rápida na estrutura social. “Certamente o fato de a economia brasileira ter crescido de maneira contínua foi algo essencial”, diz. Para Castro, é essencial continuar investindo em políticas sociais para manter os bons índices. “Agora vem o segundo passo, que é dar mobilidade às pessoas que recebem o Bolsa Família. Já está se pensando, por exemplo, em oferecer qualificação nas escolas técnicas para dar este salto”, afirma.

Um ponto positivo levantado pelo professor é que as ocupações informais diminuíram. Durante a década de 90 este patamar chegou ao pior índice e agora o trabalho formal voltou a se recuperar. Outra questão importante foi o aumento real do salário mínimo. Apesar das conquistas, o professor da UFPR diz que, em relação à desigualdade, o Brasil ainda tem um longo caminho para percorrer. (PC)